A GUISA DE UMA APROXIMAÇÃO: ASPECTOS SOBRE OS SONHOS NAS PERSPECTIVAS PSICANALÍTICA E FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

AS AN APPROACH: ASPECTS ABOUT DREAMS FROM PSYCHOANALYTIC AND PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL PERSPECTIVES

Lucas Gabriel de Lima Serra[1], Luciana Bastos Neiva[2]

1ST JULY JULHO - 31ST DECEMBER DEZEMBRO 2026 • PP. 99-119
DOI: https://doi.org/10.26619/2183-4806.XXII.2.4
Submited on 08-05-2025 Submetido a 08-05-2025
Accepted on 18-06-2026 Aceite a 18-06-2026

Resumo

Este artigo tem como seu objetivo encontrar pontos de convergência e divergência entre as concepções da psicanálise e da fenomenologia-existencial em relação aos fenômenos oníricos. Para isso foi revista a literatura psicológica das duas vertentes teóricas, levando em consideração as obras de Freud e Sartre, realizando uma comparação de alguns pontos entre os dois trabalhos, como os conceitos deslocamento e condensação na primeira, e o de consciência imaginante e consciência perceptual na segunda. O que foi possível concluir é que, embora as duas teorias tenham diferenças significativas, ambas reconhecem que os sonhos desempenham um papel importante na tentativa do sujeito de lidar com a realidade, onde ambas consideram os sonhos como uma forma de satisfação parcial para os desejos psíquicos, bem como o que afasta as duas concepções é justamente o caráter inconsciente que a psicanálise traz, se opondo a afetividade e consciência que propõe a fenomenologia-existencial.

Palavras-chave: Sonhos; Psicanálise; Fenomenologia-existencial; Freud; Sartre.

Abstract

This article aims to find points of convergence and divergence between the conceptions of psychoanalysis and existential-phenomenology in relation to dream phenomena. To this end, the psychological literature of the two theoretical currents was reviewed, taking into account the works of Freud and Sartre, making a comparison of some points between the two of them,

1 Graduando em Psicologia na Faculdade Anhanguera, da cidade de Jacareí – São Paulo, e-mail: lucas.gserra2403@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0009-0001-8329-4715. ORCID: https://orcid.org/0009-0001-8329-4715

2 Mestre em Filosofia pela UFMG, pós-graduada em Clínica Psicanalítica pela PUC Minas, graduada em Psicologia pela mesma instituição e professora do curso de Psicologia na Faculdade Anhanguera. E-mail: lucianabastosn@hotmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9906-6584.

CC BY

such as the concepts of displacement and condensation in the first, and that of imaginative consciousness and perceptual consciousness in the second. What was possible to conclude is that, although the two theories have significant differences, both recognize that dreams play an important role in the subject's attempt to deal with reality, where both consider dreams as a form of partial satisfaction for psychic desires, as well as what separates the two conceptions is precisely the unconscious character that psychoanalysis brings, opposing the affectivity and consciousness that existential-phenomenology proposes.

Key words: Dreams; Psychoanalysis; Existential-phenomenology; Freud; Sartre.

Introdução

> Esses sonhos, sonhos doentios, ficam sempre gravados na memória por muito tempo e produzem uma forte impressão no organismo enfraquecido e alterado do homem.
> (Crime e Castigo)
> Fiódor Dostoiévski

Os sonhos têm sido alvo de curiosidade e fascínio no decorrer da História por serem parte fundamental da vida humana. Platão, em seu livro "Teeteto" (369 a.C), narra um diálogo platônico sobre a natureza humana, onde é levantado um pequeno debate sobre as imagens oníricas, procurando a semelhança e a diferença entre o mundo em vigília e o mundo do sono (Platão, 2010, p. 217).

Já nos séculos XIX e XX, com a imposição e o avanço do conhecimento científico, técnico e psicológico, os sonhos se tornaram alvo de estudos. Esse movimento histórico e material culmina no lançamento do livro "A interpretação dos sonhos", em 1900, obra escrita por Freud, que contribuiu para o avanço e a disseminação da psicanálise.

A psicanálise, porém, não se mostra a única abordagem psicológica a tratar da natureza dos sonhos. A abordagem fenomenológico-existencial também se ocupa dessa questão, embora, o material sobre tal assunto seja pouco disseminado no meio acadêmico. Sartre (1905-1980), discorre sobre o fenômeno dos sonhos mais profundamente em seu livro "O imaginário", de 1940. Mesmo mantendo críticas à psicanálise, Sartre (1943) identifica pontos em comum entre as duas linhas de pensamento:

> Somente uma escola partiu da mesma evidência originária que nós: a escola freudiana. Para Freud, como para nós, um ato não pode limitar-se a si mesmo: remete imediatamente a estruturas mais profundas. E a psicanálise é o método que permite explicitar tais estruturas. (p.565)

Portanto, a proposta deste trabalho é propor aproximações possíveis, bem como as particularidades, entre as duas teorias em relação ao fenômeno do sonhar. Mesmo que haja certas diferenças conceituais entre a psicanálise e a fenomenologia, é a busca pelo significado, uma interpretação da psique, que aproxima as duas teorias, indo de um sentido manifestado, ao qual aparece

a consciência, para um sentido latente, dizendo da essência neste sentido, a coisa mesma, aquilo que se é (Raffaeli, 2006).

O sonho como manifestação Inconsciente

Para dar início ao debate, é imprescindível compreender o funcionamento e a natureza dos sonhos sob o ponto de vista freudiano. A condição do pensamento psicanalítico é o inconsciente, e o sonho é uma das importantes vias de acesso a ele. Sendo assim, os sonhos dizem dos desejos inconscientes, bem como outras formações e manifestações estudadas pela psicanálise.

Ao se encontrar em um estado adormecido, os mecanismos de repressão do aparelho psíquico se "enfraquecem", permitindo que algumas pulsões sejam liberadas durante o sono, os desejos e fantasias inconscientes do sujeito que não se encontra em vigília. Partindo disso, Freud formula que os sonhos se constituem de um conjunto de fatores, como as sensações durante a noite, os restos diurnos e os desejos inconscientes (FREUD, 1916/1917 p.306). Embora seja interessante notar que, para Freud, não apenas os desejos inconscientes regem os sonhos, como ele mesmo esclarece no capítulo VII de "A interpretação dos sonhos", mas também desejos conscientes que, com a devida potência e força, evocam outros desejos, estes sim inconscientes, de mesmo teor, onde encontra mais força.

O que rege e movimenta os sonhos e a fantasia são os desejos e pulsões, outrora reprimidos no inconsciente, como aponta Costa (2006):

> O desejo surge como motor do sonho e da fantasia e, nesse sentido, não tem, por princípio, correspondência na realidade material. Assim, o desejo precisa permanecer indestrutível, como dizia Freud, irrealizado, representando o impossível, sendo a força motora da fantasia. (COSTA, 2006, p.15)

A satisfação pulsional é sempre parcial. Os sonhos são mais um tipo de formação e manifestação inconsciente para atingir essa satisfação parcial. A forma como o sujeito alcança a satisfação parcial das pulsões depende de um objeto que não esteja originalmente ligado a ele, mas precisa ser criado, já que não há um objeto adequado que possa satisfazê-lo (EIZIRIK, 2009). É o próprio desejo que delimita o objeto através do movimento em torno de um vazio. A falta de um objeto adequado à pulsão faz com que suas voltas em torno do vazio sejam uma tarefa nunca concluída, mas sempre reiniciada. Uma vez que a satisfação é alcançada através do próprio desejo, pelo movimento em si, a pulsão, ao mesmo tempo, alcança sua satisfação e cria seu objeto, que é nada mais do que o objeto que causa o desejo.

Deste modo, um outro conceito importante, que não se pode ignorar aqui é a realidade psíquica, definida por Freud (1900, p.607) como a realidade interna do sujeito, se diferenciando da realidade factual e objetiva. É a forma como o sujeito introjeta a realidade e se apropria dela, como ele percebe sua realidade. Levando em consideração os desejos inconscientes, expressos em sua forma mais pura e original, podemos concluir que a realidade psíquica é um modo de *existência* especial do sujeito, é uma interpretação de mundo particular do sujeito, o que torna os processos oníricos experienciados e a narrativa do sujeito sobre eles, única. Devido a isso, o que aparece nos processos oníricos não são literalmente o que se apresentam, pois não tem ligação

direta com a realidade material, com o mundo real por assim dizer. As imagens que vemos nos sonhos, passam por mecanismos e processos de censura dos nossos desejos e pulsões, transformando-os em conteúdo latente e conteúdo manifesto, onde os processos de repressão/censura são respectivamente a condensação e o deslocamento.

A condensação diz de imagens, elementos ou significados condensados, compactados presentes no sonho, uma formação onde uma mesma imagem representa diversos conteúdos latentes e se acha, assim, sobre determinada em seu significado (FREUD, 1900). A condensação tem, às vezes, lugar por incorporação de elementos ou detalhes de outros conteúdos mentais à imagem central, obtendo-se, assim, uma figura que se assemelha às fotografias compostas de Francis Galton (1822-1911), onde o mesmo sobrepunha fotografias de várias pessoas, formando uma figura ambígua, podendo remeter a uma pessoa ou outra.

Não é raro, por exemplo, que uma mesma pessoa vista no conteúdo onírico ofereça traços que recordem sucessivamente os de vários parentes ou amigos. Para Freud, é justamente este processo que causa a sensação de estranheza do sonho:

> Ela [condensação] é a principal responsável pela impressão de estranheza do sonho, pois não se conhece algo que lhe seja análogo na vida psíquica normal e acessível à consciência. Nesta temos também representações que, sendo pontos nodais ou resultados finais de cadeias inteiras de pensamentos, possuem grande importância psíquica, mas esse valor não se manifesta em nenhuma característica compreensível, patente para a percepção interna; por isso, o que nelas é representado não se torna mais intenso de maneira nenhuma. (FREUD, 1900, p.593)

Portanto, a condensação é a sobreposição de conteúdos que podem ser associados e estabelecem uma analogia entre si. Funde elementos que estão à nível latente com traços parecidos em um só conteúdo. Estabelece uma relação entre o conteúdo manifesto, onde se estabelecem as imagens do sonho, e o conteúdo manifesto possui as ideias, seu significado, ou também, sua essência.

O deslocamento por sua vez ocorre em certas situações quando a representação e o significado de outras imagens estão coincidentemente relacionados com aquela imagem. No deslocamento, a imagem menos interessante do conteúdo manifesto passa a ser portadora da ideia central do conteúdo latente, como nos romances policiais, onde o autor do crime é sempre o menos suspeito. Como argumenta:

> O efeito desse deslocamento é que o conteúdo do sonho não se parece mais com o núcleo dos pensamentos oníricos, que o sonho apenas reproduz uma deformação do desejo onírico no inconsciente. [...] Podemos presumir que o deslocamento do sonho ocorre pela influência daquela censura, da defesa endopsíquica. (FREUD, 1900, p. 325)

É comum que muitas dessas memórias recentes do cotidiano ou os "restos diurnos" (Freud, 1900, p.66) interfiram nos sonhos que aparentemente não têm sentido, mas se tornam representantes do significado latente do sonho durante a narrativa do sujeito sobre o acontecimento. O deslocamento é a obra da censura, onde o conteúdo latente é substituído por um dos seus

fragmentos constituintes. Há uma transferência da importância que tem uma ideia para outra completamente diferente e afastada dela.

Se faz necessário, portanto, compreender que as imagens oníricas são uma formação inconsciente e que se expressam através do relato daquele que sonha, este nomeado de conteúdo manifesto, ou seja, aquele que se mostra através das imagens sonhadas. Já o conteúdo latente se apresenta como uma intencionalidade original inconsciente, muitas das vezes, com conteúdos de origem libidinal/sexual aos quais sendo considerados "inapropriados" diante da sociedade podem ter sido recalcados. É importante frisar que uma teoria é apresentada perante a sociedade de sua época, ou seja, fim do século XIX e início do XX no leste europeu, em que Freud estava expondo essas ideias no círculo médico tradicional, eram ambientes marcadamente repressores da sexualidade e dos movimentos libertários em alguma medida. Quando apresenta os sonhos de crianças pequenas, que foram alvo de estudos de Freud, ele aponta essa intercessão:

> Os sonhos das crianças pequenas são, frequentemente, a simples realizações de desejos, e assim, ao contrário dos sonhos dos adultos, pouco interessantes. Não oferecem enigmas que precisam ser solucionados, mas são, naturalmente, inestimáveis para provar que o sonho significa, em seu ser mais íntimo, uma realização de desejo. (FREUD, 1900, p.153)

No entanto, será que os sonhos infantis não demonstram enigmas a serem decifrados? Freud explica fazendo uso da compreensão do princípio da realidade. Um princípio de regulação psíquica que impõe uma procura de satisfação por meio de desvios e substituições (GARCIA-ROZA, 1984). Durante o seu desenvolvimento, a criança se depara com um conflito entre seu desejo e as determinações da sociedade. Esta interação com o passar do tempo leva a construção dos modos de censura. As crianças ainda estão se submetendo a uma socialização e, portanto, a uma supressão daquilo que é ou não aceito socialmente. Com isso, o argumento de Freud caminha no sentido de seus sonhos terem a tendência a ser mais "puros", menos enigmáticos e que, ainda, não se usam de métodos para "burlar" as normas sociais ou se sentirem culpados pelos próprios desejos que são estabelecidos como aceitos ou não pela exigência da civilização.

Portanto, algo que podemos notar que está no centro do pensamento de Freud é a necessidade de satisfazer nossas pulsões e a contraposição do princípio da realidade. A força de nossos desejos se deparam com a perspectiva de realidade que nos impede de realizar todas exigências pulsionais por completo, ao qual todos estamos presentes, tentando de alguma forma alterá-lo ou ignorá-la, vindo então uma frustração, uma insatisfação com esta realidade presente onde não se consegue satisfazer inteiramente o desejo. Não obstante, como argumenta Forrester (2006), não surpreende que o pensamento psicanalítico visa os sonhos como a realização de um desejo.

O sonho como manifestação imaginante

Então, ao considerar as questões propostas por Freud, como se pode pensar em uma aproximação com uma escola de pensamento filosófica? Levanta-se aqui a afinidade com a base

filosófica de Sartre. Algo que se pode notar dentro do pensamento fenomenológico é que o fenômeno não aponta para nada, se não para si mesmo. Segundo Sartre:

> O fenômeno não indica, como se apontasse por trás de seu ombro, um ser verdadeiro que fosse, ele sim, o absoluto. O que o fenômeno é, é absolutamente, pois se revela como é. Pode ser estudado e descrito como tal, porque é absolutamente indicativo de si mesmo. (Sartre, 2011, p.16)

Sendo assim, o método de interpretação fenomenológico se distancia em parte do psicanalítico pois visa o fenômeno como ele aparece à consciência, e a partir dele mesmo encontrar seu significado. Ao passo de que a psicanálise procura uma forma de interpretação baseada em uma estrutura subjacente, ou latente, em cada fenômeno.

Sartre explicita a forma como a consciência visa a realidade em dois modos: o perceptual e o imaginante. O primeiro apresenta como a consciência visa o objeto no mundo real, percebendo como ele é, sendo dotados de uma temporalidade e uma espacialidade, se mostrando de múltiplas perspectivas e sendo eleito pela consciência intencional para onde orientar sua "visão". O modo imaginante, por outro lado, visa um objeto irreal, onde não é percebido, mas imaginado, não tendo uma temporalidade nem espacialidade, sustentando a autonomia e espontaneidade da consciência como forma de negação do mundo real (SARTRE, 2019, p.38).

De acordo com Sartre (2019) toda consciência é consciência de alguma coisa, mas como se dá esta afirmação no fenômeno onírico? O autor argumenta que há uma diferenciação do estado de vigília e o estado adormecido, sendo que quando se está acordado, não há dúvidas de que se percebe algo, porém no sonho, se acredita perceber.

> Afirmar: Estou percebendo é negar que estou sonhando, ou, se quisermos, é uma motivação suficiente e necessária para que eu afirme que não estou sonhando. Mas, se o sonho afirmasse que ele é percepção do mesmo modo e com a mesma certeza que a percepção, o julgamento "estou percebendo" seria apenas provável e deveríamos, mais uma vez, apoiá-lo na comparação entre os objetos percebidos, na coesão das cenas vistas, em sua verossimilhança etc. (SARTRE, 2019, p.291).

Uma consciência imaginante compreende um saber, uma intenção, podendo compreender palavras e julgamentos, sendo estes julgamentos as decisões. As imagens, portanto, visam produzir os objetos do sonho, é uma maneira de julgar e sentir, sobretudo, é uma função simbólica, a função de expressão de um significado próprio do indivíduo. Justamente, por possuir esse significado particular, a consciência imaginante possui uma característica afetiva. A afetividade é um fator importante a ser considerado, visto que toda percepção é percepção de alguma coisa e todo sentimento é sentimento de alguma coisa, visando assim o seu objeto, e projeta nele uma determinada qualidade.

A imaginação teria, como seu direcionamento, negar a realidade imediata e projetar um mundo fantasioso, onde seria possível uma forma de realização de suas intenções, ou propriamente ditos, seus desejos existentes. Frankl (1991) nos traz um exemplo onde prisioneiros de guerra dão o relato de ter uma dada tendência de criar um mundo fictício, onde situações simples,

como um tempo de lazer com a família, são vivenciados, experienciados como forma de escapar ao sofrimento presente, e tal exemplo contribui para sustentar o argumento do conceito do modo imaginante proposto por Sartre. É possível traçar até mesmo um paralelo na literatura contemporânea, mais precisamente, em Sandman (1989-1996), história em quadrinhos publicada em uma série de livros do autor Neil Gaiman. Na narrativa, o personagem Morpheus, o guardião dos sonhos, profere a seguinte frase: "*Indague-se… Na verdade, indaguem-se todos vocês. Que poderes o INFERNO teria se aqueles aqui confinados NÃO fossem capazes de sonhar com o PARAÍSO?*", elocução esta que contribui para rememorar que o modo imaginativo faz parte inclusive da projeção de futuro e possibilidade de ressignificar sofrimentos e situações vividas.

Os sonhos, uma forma de *existência* tal qual a vida desperta, são um fenômeno de quase observação, onde a consciência perceptiva se prende e acredita observar no que percebe. Se mostra como produto da consciência, negando sua realidade imediata sendo seu propósito básico criar uma outra realidade de possibilidades ainda não acessíveis, visando uma realidade mais agradável a si mesmo. Uma certa satisfação, ou mesmo, uma forma de fugir da realidade que se mostra desagradável ao ser. Este caráter criador da consciência é argumentado por Sartre (1940) onde esta qualidade se mostra operando de forma harmoniosa em conjunto das outras consciências[3], onde mesmo um objeto não sendo real, garante sua homogeneidade, como o autor ilustra, é como se fossem ondas em meio a mais ondas.

> Num mundo imaginário, não há sonho de possibilidades, uma vez que as possibilidades supõem um mundo real, a partir do qual são pensadas como possibilidades. A consciência não pode tomar uma distância em relação às suas próprias imaginações para imaginar uma sequência possível para a história que está representando: isso seria o despertar. (SARTRE, 1940, p. 303).

Com isso, é possível compreender o caráter de fascínio que a consciência perceptual age em conjunto à consciência imaginante, pois acredita haver algo a se perceber.

A consciência perceptual se coloca em posição de telespectador, estando fascinado com a realidade criada pela consciência imaginante, estando de certa forma com a atenção presa aos eventos que ocorrem no sonho, mas, pode interferir no sonho, como no caso de um pesadelo, ou sonhos onde são provocadas emoções reais, é aí que a consciência perceptual age para dar conta desta emoção, com isso, despertando do sonho (Santos, 2008). Assim, o que se mostra no sonho é acreditado pela consciência, porém, sendo um objeto irreal. É atraído pelo irreal, pelo fantasioso.

Ainda nesta perspectiva sartreana, chegamos ao método de interpretação dos sonhos. Em sua obra de notável importância para a história da filosofia, "O Ser e o Nada" (1943), Sartre propõe em seu último capítulo uma base do que seria uma abordagem psicológica, baseado em sua filosofia existencialista, a denominando de psicanálise existencial. Tal abordagem se atenta em levar o analisando a regredir em sua história de vida, buscando o sentido de seu projeto original, sendo ele a base de todos os outros projetos de existência do indivíduo. O projeto original seria

3 Com outras consciências refere-se aqui a outros níveis de consciência, e não como se fosse uma "seção" à parte, em que cada uma se separasse.

aquele que vem como uma junção de todos os desejos, anseios e escolhas que são adotadas na vida do indivíduo, é seu projeto de ser e a busca por sua essência (Sass, 2016).

Sendo assim, Santos (2008) propõe ao terapeuta de orientação Fenomenológica-existencial, aproximar o paciente das experiências manifestadas no contato com o material onírico, sendo a própria análise do relato uma forma de observar elementos importantes sobre a vida do sonhador. Ainda explica que a vivência da experiência, ou seja, a vivência das imagens do mundo dos sonhos permite compreender a intenção da consciência que as criou no mundo da vigília. A função do terapeuta, nesse sentido, é ajudar o paciente a retroceder em sua história pessoal até atingir o sentido de seu projeto original. Consequentemente, permitir que o sonho se revele como ele é, e trazê-lo para o mundo real, segundo este autor, equivaleria a revelar a intencionalidade contida no imaginário, a descobrir outros significados presentes na existência do sujeito. O sonho, portanto, direciona para a *existência* do sujeito em totalidade.

A visão daseinsanalítica, a qual se fundamenta de conceitos explicitamente existenciais e fenomenológicos, o sonho não se diferencia muito da visão sartreana, visto que Boss (1979, apud SANTOS, 2004) sustenta que o sonho é uma forma de *existência* que está lado a lado com a vida em vigília, tendo em si de forma inerente uma espacialidade, temporalidade, historicidade (enredo) e uma corporeidade. Portanto, tanto o sonho como a vida desperta são modos diferentes de se guiar a realização de uma mesma existência humana ao longo de sua história.

Em última análise, a tarefa seria a de explorar o sonho da mesma forma ao qual foi sonhado, sem buscar uma interpretação, procurando um conteúdo latente do sonho (BOSS, 1979, Apud SANTOS, 2004). A partir disto, seria necessário analisar o que apareceu e o que não apareceu em seu sonho, buscando as possibilidades que o sujeito está aberto ou fechado em sua existência, a ponto de terem adentrado, ou se ausentado, no sonho, buscando uma analogia com seu mundo real na vida desperta.

Então, a próxima etapa seria investigar como o sujeito se dirige em relação ao que ele experiencia no sonho. O trabalho de interpretação do conteúdo onírico seria levar o indivíduo a uma consciência de sua existência pelas relações de semelhanças vindas do conteúdo onírico e a sua vivência ao longo de sua história.

Portanto, na visão fenomenológica-existencial, do modo como foi apresentado aqui, os sonhos podem ser usados para uma compreensão do indivíduo em sua totalidade, sendo possível uma aproximação entre os eventos e manifestações ocorridas no sonho e sua própria vida desperta, contribuindo para seu ser-no-mundo.

Divergências e aproximações

Os sonhos se mostram como um fenômeno a ser decifrado e estudado nas mais variadas maneiras possíveis, desde as concepções psicológicas e psicanalíticas, até mesmo as neurocientíficas. Compreendê-lo e, mais ainda, como a mente opera para que estas manifestações possam aparecer e produzi-lo, é o princípio para podermos descrever de que forma esse fenômeno se revela, dentro de nós e sobre nós.

É possível notar um ponto chave de encontro entre as duas teorias a respeito do fenômeno onírico, é justamente a possibilidade de sua interpretação, a prática de uma exegese através do

relato dos fenômenos que emergem a partir do despertar do sujeito, de certa forma, latente e inerente ao fenômeno.

Para tanto, havemos de fazer algumas considerações entre os dois pontos de vista teóricos aqui. Não há dúvida que a linha fenomenológica e a psicanalítica são distintas em seu modo de apreensão das formações dos sonhos, porém, é possível traçar uma comparação entre como os conteúdos do sonho para as duas perspectivas. Para a fenomenologia de Sartre, a consciência perceptual visa os conteúdos e objetos presentes no sonho, o que se pode aferir também em Freud, através do conceito de conteúdos manifestos. De modo análogo, o conteúdo latente, aquele que está submerso às imagens e os desejos presentes no sonho, se aproximam da visão sartreana na medida que o caráter imaginário da consciência se mostra como criador e realizador das intenções do Ser.

O ponto, entretanto, que diferencia potencialmente estas ideias é o caráter inconsciente do sonho. A palavra "consciência" imaginativa, presente nas elucidações da teoria fenomenológica-existencial, pode incitar o pensamento de se aproximar de uma ideia de "saber sobre o desejo", até mesmo no conceito de "projeto original". Como mencionado, Sass (2016) aponta que o projeto original seria aquele que vem com um agrupamento de desejos e escolhas que são adotadas durante a vida do indivíduo, ou seja, que dizem de uma determinação da vontade e eleição do seu projeto de ser. Esse ponto diverge radicalmente da psicanálise, no sentido das pulsões serem originalmente recalcadas e reprimidas por vivermos em sociedades com restrições sociais e morais fortes, onde nossos desejos são rechaçados e julgados como anômalos. Buscar um projeto original no sentido de resgatar as pulsões poderia culminar então num aniquilamento do sujeito ou em sua exclusão social e enlouquecimento. O projeto original, não diz de um desejo instintivo e pulsional, mas de um projeto que busca um "sentido". Por sua vez, a realização da existência diz não necessariamente de uma satisfação de um desejo, mas sim de uma concretização de sua autenticidade.

Outro tópico proveniente da psicanálise que parece estar intrinsecamente ligado à fenomenologia é a proposta do conceito de realidade psíquica. Relembrando, é o modo de interpretação que o sujeito/indivíduo faz da realidade e a introjeta para si, sendo para a fenomenologia a forma como a experiência é vivida pelo indivíduo (SILVA, 2008). Salvaguardando as devidas diferenças, para a psicanálise, a realidade psíquica conta com certa participação de uma apropriação pela fantasia, em que são postos ali seus desejos inconscientes, cuja satisfação completa foi frustrada, pois as pulsões são apenas parcialmente satisfeitas (ROUDINESCO, 1998). Porém, se faz necessário distingui-la, entre as fantasias inconscientes e conscientes: as duas se encontram ligeiramente ligadas no processo dos sonhos, porém as conscientes participam na organização do conteúdo manifesto, enquanto as inconscientes se inserem na origem do conteúdo dos sonhos, a parte latente.

Já na visão fenomenológica os sonhos são produtos da consciência imaginante, a qual se conduz em negar a realidade presente e imediata nas imagens oníricas. O que se vê no conteúdo onírico, se origina de uma intenção, um "desejo" da ordem de uma aspiração – diferente daquele proposto pela teoria psicanalítica – , ao qual se coloca a ser experienciado e vivido, como meio de consumar suas vontades e intenções conscientes.

A psicanálise, no entanto, não compreende os sonhos como uma forma de negação da realidade, mas o inverso. É a realização de um desejo inconsciente, a busca de satisfação de uma pulsão, as quais foram mascaradas pelos processos de condensação e deslocamento, por serem

de origem libidinal sexual ou infantil (FREUD, 1900 p.223). Estas pulsões e desejos não são aceitos na sociedade que se encontram, por isso se encontram rechaçados e reprimidos, sendo assim mascarados para que possam ser manifestados pelo inconsciente, para que possam aparecer à consciência devem obedecer a essas exigências impostas. Sendo esta a perspectiva da formação dos sonhos sob a ótica psicanalítica.

Sendo assim, é possível constatar que uma concepção se opõe a outra, porém se mostram próximas na medida em que o desejo, na psicanálise, só é reprimido por não ser aceito em sua realidade, socialmente ou moralmente, tornando a realidade material insatisfatória.

Em última análise, o conteúdo dos sonhos é formado para, de certa forma, negar uma realidade imediata que se mostra desprazerosa e limitante, que nos impede de realizar nossos desejos, e então construir uma que seja satisfatória, sendo feita de uma intenção psíquica. Os sonhos, são uma maneira de satisfazer a *existência*, realizar os desejos e as aspirações. Enquanto a psicanálise compreende que os elementos do sonho são mascarados para serem possíveis de serem manifestados, a fenomenologia propõe um modo imaginativo que satisfaça a existência de forma consciente, no sentido de que há uma intenção do Ser no que se sonha, se aproximando e afastando na mesma medida.

Compreende-se, portanto, que o sonho se forma pela ação do desejo, que por sua vez são formados pela via da falta. Se deseja ter. Se deseja possuir e experienciar. Para isso, o psiquismo desenvolve mecanismos para a produção dos conteúdos oníricos. Parte deste conteúdo é o que se percebe e se manifesta à consciência. A outra, se forma a partir de uma "intenção desejante".

E o que se deseja? A mudança da realidade, uma vez que se mostra desagradável a consciência. Para a psicanálise, entretanto, é a repressão a grande causa. Ao reprimir um desejo, a consciência vê esta realidade como repulsiva. Por fim, os sonhos e seus infinitos mecanismos de formação, são meios de se realizar os desejos sem julgamento moral e social, diferentemente da vida desperta.

Referências

Costa, A. (2006). Sonhos. *Psicanálise Passo-a-passo* (Vol. 65). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Eizirik, C. L. (2009). Pulsão, com pulsão, compulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise, 43*(2), 161–171. Recuperado em 12 de fevereiro de 2024, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200014&lng=pt&tlng=pt.

Forrester, J. (2006). A interpretação dos sonhos: A caixa-preta dos desejos. In *Para ler Freud* (5ª ed., trad. V. Ribeiro). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Frankl, V. (1991). *Psicoterapia para todos*. Petrópolis: *Vozes*.

Freud, S. (2014a). Conferências introdutórias sobre psicanálise. In *Obras completas* (Vol. 13, trad. S. Tellaroli, 1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1916–1917).

Freud, S. (2014b). A interpretação dos sonhos. In *Obras completas* (Vol. 4, trad. P. C. de Souza, 1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900).

Gaiman, N. (2020). *Sandman* (4ª ed., 14 vols.). São Paulo: Panini Comics. (Trabalho originalmente publicado entre 1989 e 1996).

Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (23ª ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1984).

Platão. (2010). *Teeteto* (trad. A. M. Nogueira & M. Boeri). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Raffaelli, R. (2006). Convergências entre Freud e a fenomenologia: Um olhar interdisciplinar. *Interthesis, 3*(1), 1–15. Disponível em https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/739.

Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Santos, G. A. O. (2008). Realizando o imaginário: Da concepção sartreana sobre os sonhos à uma clínica existencial do sonhar. *Psicologia em Revista, 14*(1), 235–250. Recuperado em 23 de setembro de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100013&lng=pt&tlng=pt.

Santos, Í. P. A. S. (2004). Fenomenologia do onírico: A gestalt-terapia e a daseinsanálise. *Psicologia: Ciência e Profissão, 24*(1), 36–43. Disponível em https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100005.

Sartre, J.-P. (2019). *O imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação* (rev. A. Elkaïm-Sartre, trad. M. Stahel). Petrópolis, RJ: *Vozes*. (Trabalho original publicado em 1940).

Sartre, J.-P. (2011). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (20ª ed., trad. P. Perdigão). Petrópolis, RJ: *Vozes*. (Trabalho originalmente publicado em 1943).

Sass, S. D. (2019). A noção de projeto na psicanálise existencial de Sartre. *Revista Limiar, 2*(4), 105–125. Disponível em https://doi.org/10.34024/limiar.2015.v2.9259.

Silva, J. M. de O. E., Lopes, R. L. M., & Diniz, N. M. F. (2008). Fenomenologia. *Revista Brasileira de Enfermagem, 61*(2), 254–257. Disponível em https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018.

TOWARD AN APPROXIMATION: REFLECTIONS ON DREAMS FROM PSYCHOANALYTIC AND PHENOMENOLOGICAL-EXISTENTIAL PERSPECTIVES

Lucas Gabriel de Lima Serra[1]; Luciana Bastos Neiva[2]

Abstract

This article aims to find points of convergence and divergence between the conceptions of psychoanalysis and existential-phenomenology in relation to dream phenomena. To this end, the psychological literature of the two theoretical currents was reviewed, taking into account the works of Freud and Sartre, making a comparison of some points between the two of them, such as the concepts of displacement and condensation in the first, and that of imaginative consciousness and perceptual consciousness in the second. What was possible to conclude is that, although the two theories have significant differences, both recognize that dreams play an important role in the subject's attempt to deal with reality, where both consider dreams as a form of partial satisfaction for psychic desires, as well as what separates the two conceptions is precisely the unconscious character that psychoanalysis brings, opposing the affectivity and consciousness that existential-phenomenology proposes.

Keywords: Dreams; Psychoanalysis; Existential phenomenology; Freud; Sartre.

Introduction

"Such sick dreams always remain long in the memory and make a powerful impression on the overwrought and deranged nervous system."
(Crime and Punishment)
Fyodor Dostoevsky

Dreams have been the object of curiosity and fascination throughout history, constituting as they do a fundamental part of human life. Plato, in his Theaetetus (c. 369 BC), presents a Platonic dialogue on human nature in which a brief debate on oneiric images is raised, seeking out the similarities and differences between the waking world and the world of sleep (Plato, 2010, p. 217).

1 ORCID: https://orcid.org/0009-0001-8329-4715. Undergraduate student in Psychology at Faculdade Anhanguera, Jacareí – São Paulo, Brazil. E-mail: lucas.gserra2403@gmail.com
2 ORCID: https://orcid.org/0000-0001-9906-6584. Master's degree in Philosophy from the Federal University of Minas Gerais (UFMG); postgraduate specialisation in Psychoanalytic Clinical Practice from PUC Minas; degree in Psychology from the same institution; lecturer on the Psychology programme at Faculdade Anhanguera. E-mail: lucianabastosn@hotmail.com

By the nineteenth and twentieth centuries, with the consolidation and advance of scientific, technical and psychological knowledge, dreams had become an object of systematic study. This historical and material movement culminated in the publication, in 1900, of The Interpretation of Dreams, the work by Freud that contributed to the advancement and dissemination of psychoanalysis.

Psychoanalysis, however, is not the only psychological approach to address the nature of dreams. The existential-phenomenological approach also concerns itself with this question, although the material on the subject remains little disseminated within academic circles. Sartre (1905–1980) discusses the phenomenon of dreams in greatest depth in his book The Imaginary, of 1940. Even while maintaining his criticisms of psychoanalysis, Sartre (1943) identifies points of contact between the two lines of thought:

> Only one school has set out from the same original evidence as we have: the Freudian school. For Freud, as for us, an act cannot be limited to itself: it refers immediately to deeper structures. And psychoanalysis is the method that makes it possible to render such structures explicit. (p. 565)

The purpose of this study, therefore, is to propose possible approximations, as well as the respective particularities, between the two theories with regard to the phenomenon of dreaming. Even though certain conceptual differences exist between psychoanalysis and phenomenology, it is the search for meaning – an interpretation of the psyche – that draws the two theories together, moving from a manifest sense, in which consciousness appears, towards a latent sense, speaking of essence in this respect: the thing itself, that which one is (Raffaelli, 2006).

The dream as an unconscious manifestation

To open the debate, it is indispensable to understand the functioning and nature of dreams from the Freudian point of view. The precondition of psychoanalytic thought is the unconscious, and the dream is one of the principal routes of access to it. Accordingly, dreams speak of unconscious desires, as do the other formations and manifestations studied by psychoanalysis.

When the subject is in a state of sleep, the repressive mechanisms of the psychical apparatus are 'weakened', allowing certain drives to be released during sleep – the unconscious desires and phantasies of the subject who is no longer awake. On this basis, Freud proposes that dreams are constituted by a set of factors, such as nocturnal sensations, the day's residues and unconscious desires (Freud, 1916/1917, p. 306). It is worth noting, however, that for Freud it is not only unconscious desires that govern dreams, as he himself makes clear in Chapter VII of The Interpretation of Dreams, but also conscious desires which, given sufficient potency and force, evoke other desires - these indeed unconscious - of the same tenor, in which they find greater strength.

What governs and sets dreams and phantasy in motion are desires and drives, formerly repressed in the unconscious, as Costa (2006) points out:

> Desire emerges as the motor of the dream and of phantasy and, in this sense, has no correspondence, in principle, in material reality. Thus desire must remain indestructible, as Freud put it, unrealised, representing the impossible, being the driving force of phantasy. (Costa, 2006, p. 15)

Drive satisfaction is always partial. Dreams are one further type of unconscious formation and manifestation through which this partial satisfaction is attained. The manner in which the subject achieves the partial satisfaction of the drives depends upon an object that is not originally bound to them, but which must be created, since no adequate object exists that could satisfy them (Eizirik, 2009). It is desire itself that delimits the object through its movement around a void. The absence of an object adequate to the drive means that its circuits around this void constitute a task never completed, but always begun anew. Since satisfaction is achieved through desire itself – through the movement as such – the drive simultaneously attains its satisfaction and creates its object, which is nothing other than the object that causes desire.

In this connection, a further important concept that cannot be overlooked here is psychical reality, defined by Freud (1900, p. 607) as the internal reality of the subject, distinct from factual and objective reality. It is the manner in which the subject introjects reality and appropriates it - how the subject perceives their own reality. Taking into account unconscious desires, expressed in their purest and most original form, we may conclude that psychical reality is a special mode of existence of the subject: it is the subject's particular interpretation of the world, which renders the oneiric processes experienced, and the subject's narrative concerning them, unique. For this reason, what appears in oneiric processes is not literally what it presents itself to be, since it bears no direct relation to material reality - to the real world, so to speak. The images we see in dreams pass through mechanisms and processes of censorship of our desires and drives, transforming them into latent content and manifest content, the processes of repression/censorship being, respectively, condensation and displacement.

Condensation refers to images, elements or meanings that are condensed or compacted within the dream - a formation in which a single image represents several latent contents and is thus found to be overdetermined in its meaning (Freud, 1900). Condensation sometimes takes place through the incorporation of elements or details from other mental contents into the central image, thereby producing a figure resembling the composite photographs of Francis Galton (1822–1911), who superimposed photographs of several individuals to form an ambiguous figure that might call to mind one person or another.

It is not uncommon, for example, for a single person seen in the dream content to display features that successively recall those of several relatives or friends. For Freud, it is precisely this process that produces the dream's sense of strangeness:

> It [condensation] is chiefly responsible for the impression of strangeness produced by the dream, for nothing analogous to it is known in normal psychical life accessible to consciousness. In the latter we also have representations which, being nodal points or the final outcomes of whole chains of thought, possess great psychical importance; yet this value does not manifest itself in any characteristic comprehensible or evident to internal perception; hence what is represented in them is in no way rendered more intense. (Freud, 1900, p. 593)

Condensation, therefore, is the superimposition of contents that may be associated with one another and that establish an analogy amongst themselves. It fuses elements situated at the latent level which share similar features into a single content. It establishes a relation between the manifest content, in which the dream's images take shape, and the latent content, which holds the ideas, their meaning or indeed their essence.

Displacement, in turn, occurs in certain situations when the representation and meaning of other images happen to coincide with a given image. In displacement, the less interesting image of the manifest content comes to bear the central idea of the latent content - much as in detective novels, in which the perpetrator of the crime is invariably the least suspected. As Freud argues:

> The effect of this displacement is that the dream content no longer resembles the core of the dream thoughts, and that the dream merely reproduces a distortion of the oneiric wish in the unconscious. […] We may presume that dream displacement occurs through the influence of that censorship, of the endopsychic defence. (Freud, 1900, p. 325)

It is common for many of these recent everyday memories, or 'day's residues' (Freud, 1900, p. 66), to intervene in dreams that are apparently devoid of sense, yet which come to represent the latent meaning of the dream in the course of the subject's narrative of the event. Displacement is the work of censorship, whereby the latent content is replaced by one of its constituent fragments. There is a transference of the importance attaching to one idea onto another that is entirely different and far removed from it.

It is therefore necessary to understand that oneiric images are an unconscious formation expressed through the account of the dreamer - this being termed the manifest content, that is, that which shows itself through the dreamt images. The latent content, by contrast, presents itself as an original unconscious intentionality, very often comprising contents of a libidinal/sexual origin which, being deemed 'improper' in the eyes of society, may have been repressed. It should be stressed that a theory is presented before the society of its time - in this case, the close of the nineteenth century and the beginning of the twentieth in Central and Eastern Europe, where Freud was expounding these ideas within traditional medical circles: environments markedly repressive of sexuality and, to some degree, of libertarian movements. When presenting the dreams of young children, which were the object of Freud's studies, he indicates this intersection:

> The dreams of young children are frequently simple wish-fulfilments and, in this respect, unlike the dreams of adults, of little interest. They present no riddles to be solved, but they are naturally invaluable in demonstrating that the dream, in its innermost being, signifies the fulfilment of a wish. (Freud, 1900, p. 153)

Yet do children's dreams truly present no riddles to be deciphered? Freud explains this by recourse to the reality principle: a principle of psychical regulation that imposes a search for satisfaction by way of detours and substitutions (Garcia-Roza, 1984). In the course of their development, children are confronted by a conflict between their desire and the determinations of society. Over time, this interaction leads to the construction of the modes of censorship. Children are still undergoing socialisation and, therefore, a suppression of what is or is not socially acceptable. Freud's argument thus proceeds in the sense that children's dreams tend to

be 'purer' and less enigmatic, and that children do not yet resort to devices for 'circumventing' social norms, nor do they feel guilt over their own desires, which are established as acceptable or otherwise by the demands of civilisation.

What may be observed at the centre of Freud's thought, therefore, is the need to satisfy our drives and its counterposition to the reality principle. The force of our desires collides with the prospect of a reality that prevents us from fulfilling all our drive-demands in their entirety - a condition to which we are all subject - as we attempt in some way to alter or to ignore it; there then arises a frustration, a dissatisfaction with this present reality in which desire cannot be wholly satisfied. It is hardly surprising, then, as Forrester (2006) argues, that psychoanalytic thought regards dreams as the fulfilment of a wish.

Dreaming as an Imaginative Manifestation

Considering the questions raised by Freud, how, then, might one conceive of an approximation with a school of philosophical thought? What is proposed here is an affinity with the philosophical foundations of Sartre. One point that may be noted within phenomenological thought is that the phenomenon points to nothing other than itself. According to Sartre:

> The phenomenon does not indicate, as if pointing over its shoulder, some true being that would itself be the absolute. What the phenomenon is, it is absolutely, for it reveals itself as it is. It can be studied and described as such, because it is absolutely indicative of itself. (Sartre, 2011, p. 16)

The phenomenological method of interpretation thus departs in part from the psychoanalytic one, in that it addresses the phenomenon as it appears to consciousness and seeks to find its meaning from within the phenomenon itself – whereas psychoanalysis pursues a form of interpretation grounded in an underlying, or latent, structure within each phenomenon.

> Sartre sets out the manner in which consciousness intends reality in two modes: the perceptual and the imaging. The first describes how consciousness intends the object in the real world, perceiving it as it is – endowed with temporality and spatiality, showing itself from multiple perspectives and being singled out by intentional consciousness as the point towards which its 'gaze' is directed. The imaging mode, by contrast, intends an unreal object, which is not perceived but imagined, possessing neither temporality nor spatiality, and sustaining the autonomy and spontaneity of consciousness as a form of negation of the real world (Sartre, 2019, p. 38).

According to Sartre (2019), all consciousness is consciousness of something but how does this assertion play out in the oneiric phenomenon? The author argues that there is a differentiation between the waking state and the sleeping state: when one is awake, there is no doubt that one perceives something; in the dream, however, one believes oneself to perceive.

To assert 'I am perceiving' is to deny that I am dreaming or, if one prefers, it is a sufficient and necessary motivation for me to affirm that I am not dreaming. But if the dream asserted itself to

be perception in the same way and with the same certainty as perception, the judgement 'I am perceiving' would be merely probable, and we should once again have to support it by comparison between the objects perceived, by the cohesion of the scenes beheld, by their verisimilitude, and so forth. (Sartre, 2019, p. 291)

An imaging consciousness comprises a knowledge and an intention, and may encompass words and judgements, these judgements being decisions. Images, therefore, are directed towards producing the objects of the dream; imaging is a way of judging and of feeling and, above all, a symbolic function - the function of expressing a meaning proper to the individual. Precisely because it carries this particular meaning, imaging consciousness possesses an affective character. Affectivity is an important factor to be considered, given that every perception is perception of something and every feeling is feeling of something, thereby intending its object and projecting onto it a determinate quality.

The imagination would thus have as its orientation the negation of immediate reality and the projection of a fantasised world in which some form of realisation of one's intentions or, properly speaking, of one's existing desires would be possible. Frankl (1991) offers an example in which prisoners of war report a marked tendency to create a fictitious world in which simple situations, such as leisure time with the family, are lived and experienced as a means of escaping present suffering; such an example lends support to the concept of the imaging mode proposed by Sartre. A parallel may even be drawn with contemporary literature more precisely, with The Sandman (1989-1996), the comic-book series published across a sequence of volumes by the author Neil Gaiman. In the narrative, the character Morpheus, guardian of dreams, utters the following line: 'Ask yourselves, all of you: what power would Hell have if those imprisoned here were not able to dream of Heaven?' an utterance that serves as a reminder that the imaging mode also encompasses the projection of a future and the possibility of re-signifying sufferings and lived situations.

Dreams, a form of existence akin to waking life, are a phenomenon of quasi-observation, in which perceptual consciousness is held captive and believes itself to observe what it perceives. The dream shows itself as a product of consciousness, negating its immediate reality; its basic purpose is to create another reality of possibilities not yet accessible, aiming at a reality more agreeable to the self a certain satisfaction or, indeed, a means of fleeing a reality that shows itself disagreeable to one's being. This creative character of consciousness is argued for by Sartre (1940), for whom this quality operates harmoniously in concert with the other consciousnesses[3], whereby even an object that is not real preserves its homogeneity as the author illustrates, it is as though they were waves amidst further waves.

In an imaginary world there is no dreaming of possibilities, since possibilities presuppose a real world on the basis of which they are thought as possibilities. Consciousness cannot take a distance from its own imaginings in order to imagine a possible sequel to the story it is enacting: that would be awakening. (Sartre, 1940, p. 303)

3 'Other consciousnesses' refers here to other levels of consciousness, and not to a separate 'section', as though each were detached from the others.

From this it becomes possible to understand the character of fascination whereby perceptual consciousness operates in concert with imaging consciousness, since it believes there to be something to be perceived.

Perceptual consciousness places itself in the position of a spectator, fascinated by the reality created by imaging consciousness, its attention held, as it were, by the events unfolding in the dream; yet it may intervene in the dream, as in the case of a nightmare, or of dreams in which real emotions are provoked - it is at this point that perceptual consciousness acts in order to cope with this emotion, thereby awakening from the dream (Santos, 2008). Thus, what shows itself in the dream is believed by consciousness, although it is an unreal object. Consciousness is drawn to the unreal, to the fantastical.

Still within this Sartrean perspective, we arrive at the method of dream interpretation. In his work of notable importance for the history of philosophy, Being and Nothingness (1943), Sartre proposes in its final chapter the foundations of what would constitute a psychological approach grounded in his existentialist philosophy, which he terms existential psychoanalysis. This approach is concerned with leading the analysand to move back through their life history in search of the meaning of their original project, this being the basis of all the individual's other projects of existence. The original project would be that which emerges as the conjunction of all the desires, aspirations and choices adopted in the individual's life; it is their project of being and the search for their essence (Sass, 2016).

Accordingly, Santos (2008) proposes that the existential-phenomenologically oriented therapist should bring the patient closer to the experiences manifested in their contact with the oneiric material, the analysis of the account itself being a means of observing important elements of the dreamer's life. The author further explains that the living-through of the experience, that is, the living-through of the images of the dream world, makes it possible to understand the intention of the consciousness that created them in the waking world. The therapist's function, in this sense, is to help the patient move back through their personal history until the meaning of their original project is reached. Consequently, to allow the dream to reveal itself as it is, and to bring it into the real world, would amount, according to this author, to disclosing the intentionality contained in the imaginary, to discovering other meanings present in the subject's existence. The dream, therefore, points towards the subject's existence in its totality.

In the Daseinsanalytic view, which is grounded in explicitly existential and phenomenological concepts, the dream does not differ greatly from the Sartrean view, given that Boss (1979, as cited in Santos, 2004) maintains that the dream is a form of existence standing side by side with waking life, inherently possessing a spatiality, a temporality, a historicity (a plot) and a corporeality. Both the dream and waking life are thus different modes of steering the realisation of one and the same human existence over the course of its history.

Ultimately, the task would be to explore the dream exactly as it was dreamt, without seeking an interpretation or searching for a latent content of the dream (Boss, 1979, as cited in Santos, 2004). From this starting point, it would be necessary to analyse what appeared, and what did not appear, in the dream, seeking out the possibilities to which the subject is open or closed in their existence to the point of these having entered, or absented themselves from, the dream and pursuing an analogy with the subject's real world in waking life.

The next step would then be to investigate how the subject comports themselves in relation to what they experience in the dream. The work of interpreting the oneiric content would consist in

bringing the individual to an awareness of their existence through the relations of resemblance arising between the oneiric content and their lived experience over the course of their history.

From the existential-phenomenological standpoint, therefore, as presented here, dreams may be employed towards an understanding of the individual in their totality, an approximation being possible between the events and manifestations occurring in the dream and the individual's own waking life, thereby contributing to their being-in-the-world.

Divergences and approximations

Dreams present themselves as a phenomenon to be deciphered and studied in the widest possible variety of ways, from psychological and psychoanalytic conceptions to neuroscientific ones. To understand the dream and, further still, how the mind operates so that these manifestations may appear and produce it is the starting point for describing how this phenomenon reveals itself, within us and upon us.

A key point of encounter between the two theories concerning the oneiric phenomenon may be noted: it is precisely the possibility of its interpretation - the practice of an exegesis through the account of the phenomena that emerge upon the subject's awakening, in a certain sense latent in, and inherent to, the phenomenon.

Some considerations must therefore be set out here regarding the two theoretical standpoints. There is no doubt that the phenomenological and psychoanalytic lines are distinct in their mode of apprehending dream formations; nevertheless, a comparison may be drawn between how the contents of the dream are conceived from the two perspectives. In Sartre's phenomenology, perceptual consciousness intends the contents and objects present in the dream, something that may likewise be discerned in Freud through the concept of manifest content. In an analogous fashion, the latent content, that which lies submerged beneath the images and the desires present in the dream approaches the Sartrean view insofar as the imaginary character of consciousness shows itself as the creator and realiser of the intentions of the Being.

The point that potentially differentiates these ideas, however, is the unconscious character of the dream. The term imaging 'consciousness', present in the elucidations of existential-phenomenological theory, may prompt the thought that it approaches an idea of 'knowing about desire' even within the concept of the 'original project'. As mentioned above, Sass (2016) indicates that the original project is that which arises from a gathering of the desires and choices adopted over the course of the individual's life, which is to say that it speaks of a determination of the will and of the election of one's project of being. This point diverges radically from psychoanalysis, in the sense that the drives are originally repressed and held back because we live in societies with strong social and moral restrictions, in which our desires are rejected and judged anomalous. To seek an original project in the sense of recovering the drives could then culminate in the annihilation of the subject, or in their social exclusion and descent into madness. The original project speaks not of an instinctual, drive-based desire, but of a project in search of a 'meaning'. The realisation of existence, in turn, speaks not necessarily of the satisfaction of a desire, but rather of the concretisation of one's authenticity.

A further topic originating in psychoanalysis that appears intrinsically bound up with phenomenology is the concept of psychical reality. To recapitulate: it is the mode of interpretation

that the subject/individual makes of reality and introjects for themselves - for phenomenology, the manner in which experience is lived by the individual (Silva, 2008). Allowing for the requisite differences, for psychoanalysis, psychical reality involves a certain participation of appropriation by phantasy, into which are placed the subject's unconscious desires, whose complete satisfaction has been frustrated, since the drives are only ever partially satisfied (Roudinesco, 1998). It is nevertheless necessary to draw a distinction between unconscious and conscious phantasies: the two are somewhat interlinked in the dream process, yet the conscious phantasies participate in the organisation of the manifest content, whilst the unconscious ones enter into the origin of the dream's content, the latent part.

In the phenomenological view, by contrast, dreams are products of the imaging consciousness, which conducts itself so as to negate present and immediate reality within the oneiric images. What is seen in the oneiric content originates in an intention, a 'desire' of the order of an aspiration, differing from that proposed by psychoanalytic theory, which sets itself to be experienced and lived as a means of consummating one's conscious wishes and intentions.

Psychoanalysis, however, does not understand dreams as a form of negation of reality, but rather the inverse: the dream is the fulfilment of an unconscious wish, the search for the satisfaction of a drive, these having been masked by the processes of condensation and displacement on account of their libidinal-sexual or infantile origin (Freud, 1900, p. 223). Such drives and desires are not accepted in the society in which they arise and are consequently rejected and repressed; they are thus masked so that they may be manifested by the unconscious, and in order to appear to consciousness they must comply with these imposed requirements. Such is the perspective on dream formation from the psychoanalytic standpoint.

It may thus be observed that the one conception stands opposed to the other, yet they show themselves to be close insofar as desire, in psychoanalysis, is repressed only because it is not accepted within its reality, socially or morally, thereby rendering material reality unsatisfactory.

In the final analysis, the content of dreams is formed, in a certain sense, so as to negate an immediate reality that shows itself displeasing and limiting, one that prevents us from realising our desires, and then to construct a reality that is satisfactory, fashioned out of a psychical intention. Dreams are a means of satisfying existence, of realising desires and aspirations. Whilst psychoanalysis understands that the elements of the dream are masked so that they may become capable of manifestation, phenomenology proposes an imaging mode that satisfies existence consciously, in the sense that there is an intention of the Being in what is dreamt, the two approaching and diverging from one another in equal measure.

It is understood, therefore, that the dream is formed through the action of desire, which is in turn formed by way of lack. One desires to have. One desires to possess and to experience. To this end, the psyche develops mechanisms for the production of oneiric contents. Part of this content is what is perceived and manifested to consciousness; the other part is formed out of a 'desiring intention'.

And what is desired? The transformation of reality, insofar as it appears unpleasant to consciousness. For psychoanalysis, however, repression is the primary cause. By repressing a desire, consciousness comes to experience that reality as repulsive. Ultimately, dreams, together with their countless mechanisms of formation, provide a means through which desires can be fulfilled without the moral and social constraints that govern waking life.

References

Costa, A. (2006). *Sonhos*. *Psicanálise Passo-a-passo* (Vol. 65). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Eizirik, C. L. (2009). Pulsão, com pulsão, compulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise, 43*(2), 161–171. Retrieved 12 February 2024, from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2009000200014&lng=pt&tlng=pt

Forrester, J. (2006). *A interpretação dos sonhos: A caixa-preta dos desejos*. In Para ler Freud (5th ed., V. Ribeiro, Trans.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Frankl, V. (1991). *Psicoterapia para todos*. *Petrópolis*: Vozes.

Freud, S. (2014a). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. In Obras completas (Vol. 13, S. Tellaroli, Trans., 1st ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original work published 1916–1917).

Freud, S. (2014b). *A interpretação dos sonhos*. In Obras completas (Vol. 4, P. C. de Souza, Trans., 1st ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original work published 1900).

Gaiman, N. (2020). *Sandman* (4th ed., 14 vols.). São Paulo: Panini Comics. (Original work published 1989–1996).

Garcia-Roza, L. A. (2009). *Freud e o inconsciente* (23rd ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Original work published 1984).

Plato. (2010). *Teeteto* (A. M. Nogueira & M. Boeri, Trans.). Lisbon: Fundação Calouste Gulbenkian.

Raffaelli, R. (2006). Convergências entre Freud e a fenomenologia: Um olhar interdisciplinar. *Interthesis, 3*(1), 1–15. Available at https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/739

Roudinesco, E. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Santos, G. A. O. (2008). Realizando o imaginário: Da concepção sartreana sobre os sonhos à uma clínica existencial do sonhar. *Psicologia em Revista, 14*(1), 235–250. Retrieved 23 September 2023, from http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682008000100013&lng=pt&tlng=pt

Santos, Í. P. A. S. (2004). Fenomenologia do onírico: A gestalt-terapia e a daseinsanálise. *Psicologia: Ciência e Profissão, 24*(1), 36–43. Available at https://doi.org/10.1590/S1414-98932004000100005

Sartre, J.-P. (2019). *O imaginário: Psicologia fenomenológica da imaginação* (A. Elkaïm-Sartre, Rev., M. Stahel, Trans.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original work published 1940).

Sartre, J.-P. (2011). *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica* (20th ed., P. Perdigão, Trans.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original work published 1943).

Sass, S. D. (2019). A noção de projeto na psicanálise existencial de Sartre. *Revista Limiar, 2*(4), 105–125. Available at https://doi.org/10.34024/limiar.2015.v2.9259

Silva, J. M. de O. E., Lopes, R. L. M., & Diniz, N. M. F. (2008). Fenomenologia. *Revista Brasileira de Enfermagem, 61*(2), 254–257. Available at https://doi.org/10.1590/S0034-71672008000200018